

# Blumenau

*em Cadernos*

TOMO IV

— MARÇO

1961

— Nº3

# **ELETRO - AÇO ALTONA S/A.**

Rua Coronel Vidal Ramos, 925 — Fone : 1338

Caixa Postal, 30      Telegramas : ELAÇO

**ITOUPAVA-SÊCA — BLUMENAU**

**SANTA CATARINA**

**FUNDIÇÃO DE AÇO**

**LAMINAÇÃO**

**FABRICA DE MAQUINAS**

**FABRICA DE FERRAMENTAS**

**FORJARIA**

**FUNDIÇÃO ELÉTRICA**



# BLUMENAU

## em CADERNOS

Tomo IV

MARÇO DE 1961

N.º 3

### PRIMÓRDIOS DA PARÓQUIA DE GASPAR

Frei ERNESTO EMMENDOERFER, O.F.M.

A lei provincial N.º 11, de 5 de maio de 1835, determinava e regulamentava a colonização das terras do Rio Itajaí-açu em seu curso médio.

Foi incumbido desta tarefa Agostinho Alves Ramos, então sargento-mor, mais tarde tenente-coronel, morador antigo e muito conceituado em Itajaí, membro da Assembléia Legislativa de Destêrro (Florianópolis).

O cargo de diretor da colônia, chamada "Colônia do Itajaí", passou, sucessivamente, para João Dias da Silva Mafra (1845), o major Henrique Etur e seu filho Henrique Benjamin Etur (1852), até que a colônia foi declarada emancipada (1854), quando seus moradores passaram a ser sujeitos às leis tributárias, não tendo gozado nunca as prerrogativas que se costumavam conceder às fundações novas.

Para dar desempenho à sua incumbência, Agostinho Alves Ramos foi buscar colonos entre os descendentes dos açorianos na ilha de Santa Catarina e, sobretudo, entre os imigrantes alemães que, em 1829, se haviam estabelecido em São Pedro de Alcântara. Estes facilmente se inclinaram a aceitar o convite do colonizador, porque viviam abandonados pelo Governo em terras difíceis de cultivar, enquanto as terras do Rio Itajaí eram consideradas fertilíssimas.

Fôra estabelecido que se formassem dois núcleos. O do "Pocinho" ficava na embocadura do riacho Arraial no Itajaí, poucos quilômetros abaixo da cidade atual de Gaspar; na vizinhança, rio abaixo, o major belga Carlos Lebon van Ledé, em 1846, localizou a "colônia belga". O outro arraial situava-se em meio caminho entre as atuais cidades de Blumenau e Gaspar, onde, na margem esquerda, o riacho Belchior desemboca no Itajaí, lugar que até hoje conserva o nome de Belchior (Baixo). As terras entre os rios Gaspar Grande e Gaspar Pequeno, onde agora fica a cidade de Gaspar, naquela época, eram selvas pertencentes a Renato Dias, que as vendeu, em 1856, ao Dr. Hermann Blumenau, que, por sua vez, as loteou, dando origem à cidade de Gaspar, e prejudicando, assim, o ulterior progresso dos dois núcleos coloniais, bem contra a vontade do Governo.

Quando se deu a grande incursão dos selvícolas em Camboriú, e os colonos do Pocinho e do Belchior receavam passar pelo mesmo transe, abandonaram suas terras e lavouras, de sorte que, em 1853, havia ali somente 2 nacionais e 6 estrangeiros. Depois que o Governo Provincial mandou soldados para Itajaí, os colonos reanimaram-se a voltar. Em 1839 contavam-se 47 famílias de nacionais e 17 estrangeiras, num total de 141 pessoas.

Para que a população pudesse viver mais sossegada, o Presidente Marechal Antero José Ferreira, em 1843, mandou também para Belchior um destacamento de milicianos, que se estacionou logo abaixo do riachozinho que forma a atual divisa entre Blumenau e Gaspar. A tropa tinha material insuficiente e obsoleto, de maneira que de cinco tiros falhavam quatro, como contou o Dr.

Blumenau em um relatório ao Governo; mas, abrindo três grandes picadões que davam para a Penha, para o Itapocu e Boa Vista, tornaram eficiente a defesa dos colonos contra as correrias dos índios, que apareceram em Belchior, pela última vez, em 1856.

Em 1851, havia na colônia 62 fogos com 365 habitantes, 21 engenhos de farinha de mandioca, 10 de cana de açúcar, 193 vacas e 108 bois. Pelo rio fazia-se regular comércio com Itajaí, com canoas e lanchões.

Os moradores do Pocinho e do Belchior eram quase em totalidade católicos. Deviam procurar recursos espirituais em Itajaí, que, em 1824 recebeu o primeiro cura na pessoa de Frei Pedro de Agote, franciscano vindo do Rio de Janeiro com seu irmão de hábito Frei Romão Lapide, este substituído, posteriormente, por Frei Gregório das Dores. Em 12 de agosto de 1833, Itajaí foi elevada à categoria de freguesia (paróquia), abrangendo todo território entre os rios Camboriú e Gravatá, entre o Oceano e a serra de Lajes.

Quem tenha sido o primeiro padre que subiu o rio Itajaí não consta. Mas temos notícia certa de que, de 1849 em diante, um padre Francisco (Hernando?) visitou diversas vezes os arraiais do Pocinho e do Belchior.

O homem que deixou seu nome para sempre ligado à história da vida religiosa no curso médio do rio Itajaí foi Frederico Guilherme Schramm. Nasceu em Erkrath, perto de Duesseldorf, na Alemanha. Aliciado por agente do Dr. Blumenau, embarcou para o Brasil em Antuérpia, porto emigratório por excelência naquela época. Chegado a Blumenau, não encontrou na barra do rio da Velha o dr. Hermann Blumenau. Resolveu comprar terras de João Kerbach, acima do rio Gaspar Grande, e lá fixou residência com os seus, isto é, sua esposa, cinco filhos, um irmão e duas sobrinhas.

Desde logo Schramm começou a visitar as famílias, convidando-as para reuniões de culto. Estas faziam-se em três casas diferentes, sucessivamente, todos os domingos e dias santos.

Schramm aventou a idéia de se construir uma capela, e ela foi aceita com entusiasmo. Três proprietários ofereceram chão para a capela, mas não se chegou a um acôrdo sobre sua localização. Então Schramm convocou uma assembléia geral dos católicos desde a barra do rio Velha até os moradores de Ilhota. A reunião se realizou na casa de João Klocker, e o terreno por ele oferecido para a capela foi aceito. Fica na margem esquerda do Itajaí, mais ou menos em frente à grande figueira na margem direita do rio, no caminho a Gaspar.

A capela foi construída de madeira e barro, e coberta com fôlhas de palmeira. De sino servia parte de lâmina de serra grande. Ficou pronta e foi inaugurada na quinta feira santa de 1850. Lá se reunia o povo aos domingos e dias santos. Schramm lia a explicação do Evangelho e dirigia a reza e o canto.

No mesmo ano, fêz-se, com solenidade e a presença do padre Francisco, a festa do Padroeiro, São Pedro Apóstolo, festa que se tornou uma tradição memorável entre o povo católico das margens do rio Itajaí, até a data presente.

Quando a capela já se tornava pequena e não mais oferecia boas condições, Schramm foi ter com o Dr. Hermann Blumenau e obteve dêle a promessa de um terreno, que é aquêle onde se acha a atual igreja matriz de Gaspar. A promessa feita em 2 de abril de 1857, o Dr. Blumenau ratificou-a por escritura pública em 13 de outubro de 1877.

Conhecendo o fervor religioso dos fiéis em Belchior, o vigário de Joinville, padre Carlos Boegershausen, mandou para lá o padre Alberto Francisco Gattone, sacerdote esforçado e virtuoso, a que muito deve o Vale do Itajaí, cuja vida e atuação merecem ser divulgadas. O padre Gattone ficou em Belchior de 1860 a 1867, quando foi para Brusque, onde os católicos, já numerosos, careciam de assistência religiosa.

O padre Alberto Francisco Gattone tratou logo da criação da paróquia no Belchior. Redigiu uma petição à Assembléia Legislativa da Província, e Frederico Guilherme Schramm e seu segundo filho, Bernardo, colheram as assinaturas, nada menos de 130. Os Schramms fizeram diversas viagens ao Destêrro, até que voltaram de lá com a Lei N.º 509, de 25 de abril de 1861, que criava a "Freguezia de São Pedro Apóstolo".

Blumenau ficava fazendo parte da paróquia de Gaspar, que tinha por limites ao Norte os da Freguesia da Penha, ao Sul os limites de Camboriú, ao Oeste o Ribeirão da Praia Grande e as propriedades de Luiz Schaffen, e a Leste os ribeirões de Luiz Alves.

O padre Gattone assistia com seu sacristão Lickefett na casa de Nicolau Deschamps. O sacristão, numa viagem que fazia a Joinville a fim de levar documentos ao padre Carlos Boegershausen, foi agredido e assassinado pelo canoeiro do rio Itapocu, que suspeitava que na maleta de seu passageiro houvesse dinheiro. O sucessor de Lickefett foi João Kermann, de Brusque, que o padre Gattone encontrou em casa dos pais na Gabiruba, depois que teve um encontro com 11 bugres na sua propriedade dentro do mato (em 24 de dezembro de 1864). João Kermann, mais tarde, reportando-se aos dois anos e meses que acompanhou o vigário, dizia: "Nossa vida era dura e cheia de privações, mas bonita ela foi".

Nicolau Deschamps morava acima da grande figueira. Tinha pequeno negócio e hospedaria. Na ocasião da construção da capela ficou despeitado, porque não foi aceito o terreno que oferecera para esse fim; em nada quiz ajudar, nem ele nem sua família. Mas quando foi da inauguração, não deixou de comparecer com todos e reconciliou-se. Em seguida, prestou muito bons serviços como tesoureiro da paróquia, durante muitos anos. Num balanço a que procedeu o vigário, em 22 de julho de 1860, verificou-se que para a capela haviam sido gastos 100\$580 e haviam sido arrecadados 105\$600, havendo, pois, um saldo de 5\$020. A conta do cemitério apresentava um saldo favorável de 25\$840. A esposa de Nicolau Deschamps cuidava do padre como uma mãe. Este, de saúde fraca, certo dia teve uma hemoptise, e foi nessa ocasião que a sra. Deschamps fez ao vigário um sermão em regra, recriminando-o, porque ele, em vez de dormir na cama, sempre se deitava no chão. E o padre se "converteu".

De início, o padre Gattone tratou de instruir os moços e as moças, que se haviam criado com muito pouca doutrina religiosa. Após meses de catequese, em que às vezes também se distribuía uns tabefes com o livro na cabeça de algum rapagão que se ocupava com a penugem de seu futuro bigode ou de uma moçoila que estava alheia às explicações do padre; a primeira Comunhão de uns 40 jovens foi uma grande festa, com café servido aos neo-comungantes na casa de Nicolau Deschamps. Nos anos posteriores, o vigário ficava sempre dois meses consecutivos na sede, a fim de preparar as crianças para a primeira Comunhão. Abriu também uma escola, mas ela teve pouca duração, devido aos múltiplos trabalhos e ao estado precário de saúde do vigário.

O padre Gattone visitava as capelas na colônia de Blumenau, no Garcia (Caeté), em Badenfurt (dos "badenses"), em Têsto-Salto (dos "luxemburgueses"), em Blumenau havia sido construída uma capela no morro que servia de cemitério católico e que foi arrasada para se construir a atual Igreja matriz, e nessa capela foi celebrada a primeira festa do Padroeiro São Paulo, a 25 de janeiro de 1865; também visitava as capelas de Brusque; onde não havia capela, o vigário celebrava a Missa em casa particular, como nas residências do pintor Carlos Maes e de Manoel Bento Gonçalves; em Ilhota substituiu, também, temporariamente o vigário em Itajai.

Foram 7 anos de apostolado profícuo que o padre Alberto Francisco Gattone exerceu como vigário de São Pedro Apóstolo de Gaspar.

Na igreja matriz (capela) do Belchior o padre Gattone deve ter celebrado a última missa em 21 de maio de 1867, quando assumiu a cura d'almas em Brusque. Mas em 29 de junho veio a Gaspar para benzer a capela nova, agora já no alto do morro. Era construída também de madeira e barro, era coberta de tabuinhas, tinha torre de madeira e uma pequena sacristia. (A atual Igreja matriz de Gaspar é a terceira construída no mesmo local).

Atrás da nova capela ficava o cemitério. Lá foi sepultado, a 25 de março de 1880, numa quinta-feira santa, Frederico Guilherme Schramm, falecido aos 85 anos e dois meses. Numa quinta-feira santa, há 30 anos passados, ele havia inaugurado a capelinha no Belchior.

O nome deste benemérito batalhador pela causa religiosa em Gaspar sempre deve ser lembrado ao lado do incansável Padre Francisco Alberto Gattone e do dedicado sr. Nicolau Deschamps, ainda que sua sepultura tenha caído no olvido.

Os festejos do centenário da elevação de Gaspar à dignidade de freguesia, em 25 de abril de 1861, serão abrilhantados pela presença do exmo. e revmo. sr. Núncio Apostólico, que, na data festiva, sagrará o terceiro bispo nascido no Gaspar. O primeiro, Dom Daniel Hostin, bispo de Lajes, nasceu em frente da foz do riacho Arraial; Dom Carlos Schmitt, bispo de Dourados (MT), teve seu

# Um Escultor em Itajaí

## SHLAPKOHL

ARNALDO BRANDÃO

Senossa cidade já obrigou músicos, poetas e pintores, também teve a honra e o orgulho de, certa feita, agasalhar, sob o azul de seu céu, talentoso escultor, que em nossa terra viveu alguns anos, trabalhando e criando, na madeira das nossas matas, obras que até hoje ainda estão vivas e que bem as podemos admirar nos altares de nossas velhas igrejas.

De origem germânica, Shlapkohl surgiu um dia em Itajaí. Operário e artista, na oficina do sr. Fischer encontrou trabalho e deixou amigos e admiradores que o cercavam nas horas de folga, para vê-lo trabalhar na madeira tósca ou modelar, no gesso alvo, a silhueta de uma imagem ou a coluna decorativa, onde a delicadeza de uma cariátide iria suster, no alto da cabeça, a jarra florida ou a folhagem rara de um salão de visita.

Partiu como chegou, para lugar ignorado, também.

Sua passagem seria despercebida, ou tida como a de uma dessas aves de arribação que aportam determinada localidade, ali estacionam por algum tempo, para depois alçar vôo e se apagarem na bruma do desconhecido. Entretanto, com Shlapkohl, assim não aconteceu. Hoje, seu nome pouco é lembrado. O tempo apagou-o como apagou da retina de seus contemporâneos a fisionomia plácida do grande escultor. O mesmo não aconteceu com sua obra. Em nossa velha Matriz, lá estão as imagens de Santa Catarina, do Senhor Bom Jesus, que foram criadas pelo gênio humilde do notável escultor. Trabalhadas em madeira itajaiense, lá estão elas a perpetuar sua obra e a recolher, na complexidade de suas linhas pesadas, a devoção dos fiéis.

Jamais analisadas ou estudadas, formam, pois, um conjunto de obras mortas, desvalorizadas. Necessário seria que outro artista aparecesse para ressaltar seu verdadeiro valor. Que fossem fotografadas e finalmente estudadas nos diversos ângulos. Que sua história, sim, porque também as estátuas têm histórias fossem-lhes pesquisadas para um estudo posterior. Veríamos, então, a beleza de suas formas, e a imponência de suas linhas, que enaltecem êsse conjunto de real valor.

Além das imagens veneradas na velha matriz, ficaram, ainda, os modelos em barro branco, nos quais, o artista esboçava suas obras, antes de executá-las na madeira, cujo tronco era primeiramente examinado, para depois, ir aos poucos, tomando o vulto desejado, até que finalmente, com a pintura, encarnasse a figura veneranda de um meigo São José ou de um torturado Bom Jesus.

Santa Catarina, cuja cabeça em barro branco, plasmada pelo insigne escultor que a deixou na oficina do Sr. José Fischer, juntamente com outras duas de outros santos, recebi-as das mãos do saudoso Sr. Fischer, pouco antes de falecer. Trouxe-a para o Rio e a mantenho suspensa sobre minha mesa de trabalho. Durante a semana de Santa Catarina, figurou na Exposição de Arte Catarinense no saguão da Biblioteca Nacional, e, dias depois, na de Vitrine do Antiquário Vila Rica, em Copacabana, onde mereceu a apreciação de uma centena de visitantes. Com o incêndio da oficina do Sr. Fischer, perderam-se as cabeças modelos de S. José e do Senhor Bom Jesus. Consideramos, hoje, uma perda irreparável, levando-se em conta o alto grau artístico dessas figuras de barro.

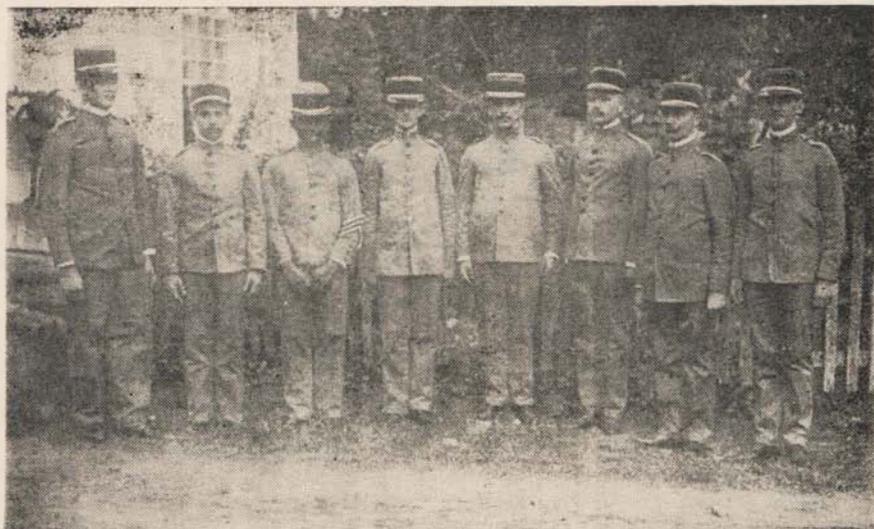
Não procuro, aqui, biografar Shlapkohl, senão homenageá-lo e louvar sua escultura, chamando a atenção de todos para sua obra, ao mesmo tempo, ressaltando e assinalando sua origem que é tão nossa, uma vez que todo o material, nela utilizado, foi todo colhido em Itajaí.

:—★—:

bêrço no Poço Grande; Dom Quirino Schmitz, que vai ser o bispo de Teófilo Otttoni (MG), tem sua casa paterna em Belchior, não distante da casa onde se hospedava o padre Alberto Francisco Gattone.

A paróquia de Gaspar tem dado bom número de sacerdotes, só de Franciscanos 9, incluídos os três bispos e o modesto autor destas linhas, para quem a data de 25 de abril também é particularmente grata, pois, nesse dia, em 1920, cantou sua primeira Missa em Gaspar.

# VOLUNTÁRIOS DO 55 B.C.



Em virtude da lei 1860, de 4 de janeiro de 1908, que autorizou o alistamento de voluntários no exército, o 55.º Batalhão de Caçadores, que então se achava acantonado em Blumenau, fez as competentes publicações, tendo se apresentado, imediatamente, nada menos de 27 jovens, das melhores famílias blumenauenses, e que foram os primeiros voluntários desse regime de todo o Brasil. Esses voluntários foram incorporados ao batalhão de manobras, em "Ordem-do-dia" de 23 de outubro de 1909, visto terem sido aprovados no exame prévio, a que foram submetidos, inclusive de saúde e depois de competentemente juramentados. Esses jovens eram: **Gustavo Feddersen**, filho do coronel Pedro Cristiano Feddersen, **Oswaldo Hindlmeyer**, **Reinhold Liesenberg**, **Carlos Liesenberg**, **Max Feddersen**, irmão do primeiro, **Luiz Rischbieter**, que ainda vive nesta cidade, **Rodolfo von Altrock**, **Frederico Rabe**, **Julio Baumgarten**, depois redator do "Blumenauer Zeitung", **José da Cunha Silveira**, filho do Cel. Francisco da Cunha Silveira, um dos veteranos da revolução de 1893, e que faleceu como funcionário do tesouro estadual, **José Metzger**, **Otto Lüders**, **Germano Lüders**, **Adolfo Schultz**, **João Pacheco**, filho do guarda-fios Antônio Pacheco, **Julio Strobel**, **Germano Hönnicke**, **Rodolfo Damm**, **Manoel Leão dos Anjos**, **Rodolfo Günther**, **Francisco Wehmuth**, **Hellmuth Gropp**, **Leopoldo Mahmke**, **Luiz Mahmke**, **João Brückheimer**, **Felix Luiz Riedel** e **Henrique Lüders**. O 55.º B. C. teve papel saliente no processo de adaptação dos imigrantes blumenauenses aos usos, costumes e língua pátrios e esses jovens, certamente, cooperaram nesse propósito, como, aliás, o fizeram depois, também, pela existência afora. O clichê acima é de um grupo desses voluntários, ou seja, da esquerda para a direita: **Hellmuth Gropp**, **Gustavo Feddersen**, cabo Preto, **Oto Lüders**, **Felix Riedel**, **Luiz Rischbieter**, **Rodolfo von Altrock** e **Max Feddersen**. O único sobrevivente dessa turma é o sr. **Rischbieter**.



**A** 17 DE MARÇO DE 1889, foi fundada a Comunidade Escolar que, sob a direção dos professores **Wetzel** e **Russeler** abriu a Escola Nova. **Fritz Mueller** prontificou-se a lecionar Ciências Naturais e **Paula Ramos** física e química agrícolas e **Felipe Doerck**, ginástica.

# Blumenau Pitoresco



Um belo trecho da cidade de Blumenau, com a nova ponte sôbre o Rio Itajaí-açú para o bairro de Ponta Aguda. Este bairro, que era, antigamente, em virtude da enorme volta que tinha de ser feita para chegar até êle, pela então balsa, ou pelas canoas, no porto fronteiro à Prefeitura, muito afastado, ficou, praticamente, fazendo parte do centro urbano com essa ponte, construída em frente à igreja matriz. É um dos mais bonitos recantos de Blumenau.

## ★ Estante dos “Cadernos”

★ “UND DANN KAM DIE LÖSUNG” — Com gentil dedicatória da exma. senhora Gertrug G-Hering, que tem, seguidamente, abrihantado as páginas dêste mensário com interessante colaboração, recebemos o seu recente romance “Und dann kam die lösung”, que versa assunto de atualidade. Tão logo tenhamos lido êsse trabalho, abriremos espaço, nesta seção, para uma apreciação detalhada do mesmo, limitando-nos, por ora, a agradecer à distinta escritora a bondade com que nos distinguiu e honrou. O livro em aprêço foi editado nas oficinas da Tipografia Blumenauense, em excelente papel e caprichosa impressão com vistosa capa que lhe dá magnífica apresentação. Esse é, já, o 15.º romance que a nossa distinta colaboradora tem dado à publicidade, muitos dêles tendo por cenário Blumenau e as suas colônias.

A dona Gertrud G-Hering os nossos cumprimentos e o nosso “muito obrigado!”

★  
**A RENDA MUNICIPAL DE BLUMENAU, EM 1914,** era de 142 contos de réis; em 1915, 147 contos e, em 1916 era de 320 contos de réis. Nesses mesmos anos, a Municipalidade apenas dispendeu com o seu funcionalismo 18 contos em 1914, e 20 contos e cada um dos outros dois exercícios. Todo o restante da renda teve aplicação em serviços públicos de utilidade.

**20.º GERMANO BEDUSCHI (1935 a 1936)**

Com a exoneração concedida a João Gomes da Nóbrega, por motivo de moléstia, foi, pela interventoria federal no Estado, nomeado prefeito de Blumenau, o sr. Germano Beduschi, que assumiu o exercício do elevado cargo a 29 de maio de 1935. Em pouco mais de um ano de administração (neste primeiro período, pois que esteve, outra vez, no cargo de governador do município de 19 de Janeiro de 1946 a 30 de abril de 1947) Germano Beduschi dedicou-se inteiramente à solução dos mais prementes problemas da administração blumenauense. Realizou obras importantes, que muito vieram contribuir para o progresso de Blumenau, nos vários setores administrativos. Instrução e Saúde Pública mereceram-lhe especiais cuidados. Foi alargada a rua 15 de novembro, no trecho fronteiro à igreja matriz e a então rua Minas Gerais na parte do atual Centro de Saúde, onde o angustioso espaço entre o rio e o Morro do Aipim, constituía sério entrave ao trânsito. Deu-se comêço, também, à canalização do ribeirão Bom Retiro e a do Ribeirão Peters, que corre sob o Hotel Elite atual. No segundo período do seu govêrno, Beduschi também realizou muitas obras de real proveito para a coletividade que governou. Foi, diga-se com justiça, um administrador bem orientado, ativo e trabalhador.



Germano Beduschi nasceu em Barracão, município de Brusque, a 28 de novembro de 1898. Coursou o Colégio Santo Antônio em 1916. Terminou o curso ginásial em Florianópolis, no Ginásio catarinense, tendo, depois, prosseguido seus estudos na Escola Superior do Comércio do Rio de Janeiro. Em 1932, foi delegado de polícia de Blumenau. De 1934 a 1935 exerceu o cargo de guarda-livros e contador da Prefeitura Municipal e, ainda, por algum tempo, o de secretário interino. Atualmente, Germano Beduschi é diretor gerente da Rádio Nereu Ramos, gerente da Gráfica União, proprietário do jornal "A Tribuna". É jornalista inscrito no Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Santa Catarina.

Em 1936, durante o seu govêrno, realizaram-se as eleições para o novo período constitucional em que o Brasil entraria, por poucos anos apenas, e em que, no nosso município, como em outros do Vale do Itajaí, a Ação Integralista Brasileira teve espetacular vitória, elegendo, não apenas o prefeito municipal, mas quase a totalidade da câmara municipal. Coube a Germano Beduschi passar o cargo de Prefeito Municipal ao comandante Alberto Stein, primeiro prefeito constitucional, após a revolução de 1930, tendo, na ocasião, proferido o discurso de praxe, que é um interessante relatório de suas atividades à frente da administração blumenauense.

# O POETA PADRE JACOBS

O primeiro vigário de Blumenau, o padre José Maria Jacobs, deixou fama de homem muito austero, ríspido mesmo, de cara sempre fechada e modos bruscos.

Entretanto, sob tais aparências, ele escondia um coração aberto à compreensão e à indulgência. Era até poeta, dom que é privilégio das almas permeáveis às manifestações das belezas naturais, do aprimoramento do espírito, das sublimações do transcendental.

Dotado de grande cultura literária, versando vários idiomas, redigia com facilidade e elegância de estilo.

Exemplo disso é o acróstico, por ele composto, e oferecido ao dr. Blumenau, no dia em que os seus amigos se reuniram, no hotel Schreep, na antiga Palmenalee, a atual Duque de Caxias, para se despedirem do fundador, que regressava, definitivamente, à Europa.

Isso foi a 14 de agosto de 1884. No dia seguinte, pelo "Progresso", o dr. Blumenau deixava, para sempre, o estabelecimento que fundara, que já era uma vila rica e próspera, uma colônia com futuro já assegurado e glorioso.

Na reunião em que os seus amigos lhe apresentaram as suas e as despedidas de toda a população do Vale do Itajaí, o Padre Jacobs discursou, traduzindo a tristeza com que os blumenauenses viam deixar o seu meio aquele que criara e desenvolvera o maior estabelecimento colonial da América do Sul e desejando-lhe paz e tranquilidade na sua velhice. Declamou e fez, então, entrega dos versos que escrevera e que reproduzimos no original alemão:

Blumen, die Du hier gepfleget  
Leben fort, - Dein Ehrenkranz;  
Und die Au, die Du geheget  
Mit der Zukunft Hoffnungsglanz,  
Erntet Deines Schweisses Segen  
Noch in allerfernster Zeit.  
Auch wen Undank, Neid sich regen,  
Uebt Erfolg, Gerechtigkeit.  
Blumenau,  
Gott vertrau !

Lebe wohl und lebe lange! -  
Ernst ist dieser Scheidegruss; -  
Bis Dir winkt im Jubelklange  
Einst des Himmels Hochgenuss.  
Wenn auch Stürme um Dich loben  
Ohne Raft von Ort zu Ort,  
Heb den Blick nur stets nach oben!  
Lebe wohl und komm zum Port!  
Blumenau,  
Gott vertrau !



**A** SOCIEDADE CENTRAL DE IMIGRAÇÃO foi fundada no Rio de Janeiro, sob os auspícios do visconde de Taunay e de outros grandes nomes da administração, do comércio e das indústrias do país. Destinava-se à propaganda do Brasil, como terra ideal para a imigração e fomentar a vinda de colonos estrangeiros, a ampará-los e auxiliá-los nos primeiros meses do seu estabelecimento. Nesse particular, prestou grandes serviços ao desenvolvimento do país. Dela faziam parte ativa o dr. Blumenau e Carlos von Kozeritz, que muito se bateram pela revogação do "Heydn Reskript", que proíba a emigração para o Brasil de alemães. Foi solenemente instalada a 17 de novembro de 1881, com a presença do Imperador.

## JOÃO JOSÉ DE SOUZA MEDEIROS

Foi por volta de 1926 que João Medeiros chegou a Blumenau. E para ficar. Desencantara-se de tanto esperar por uma efetividade problemática, e dependendo da boa vontade do situacionismo político. Há anos que exercia o cargo de Agente Fiscal do Imposto de Consumo, e numa interinidade injusta, percorrera os municípios de São José, Palhoça, Jaraguá do Sul e Indaial. Não tendo índole bajuladora, sendo mais oposicionista do que governista, João Medeiros via a mediocridade ser nomeada, efetivamente, enquanto êle, que obtivera em concurso, o primeiro lugar, continuava preterido. Resolveu-se, então. Assim como Pizarro que, diante das costas da América, queimara os navios para evitar o regresso à Europa, João Medeiros demitiu-se e iniciou os primeiros passos para a instalação de uma farmácia em Blumenau.



Precisamente, em cinco de maio de 1926, e com a presença de todos os colegas, farmacêuticos Paulo Onken, da Farmácia Glória; Reinhold Anton e Georg Boehm, da Farmácia Cruzeiro do Sul; Felipe Brandes, da farmácia que tinha o seu nome e de Reinhold Pfau, o jovem proprietário da Farmácia Altona, de autoridades e de amigos, foi procedida a inauguração do novo estabelecimento farmacêutico, com a bênção dada pelo Revmo. Frei Daniel Hostin, hoje digníssimo Bispo de Lajes.

Um verdadeiro arrôjo do farmacêutico João Medeiros, que na época entendia o alemão "assim p'ro gasto", e quando apareciam aquelas receitas, em alemão, e de farmacopéia alemã, como "Mixture Solvens" ou "Mixture Nervina", contendo indicações tais como "ein Essloeffel drei mal taeglich", o farmacêutico tinha "que se virar", como se diz vulgarmente, nos dias de hoje. Mas João Medeiros começou com o pé direito. Conhecido desde os tempos em que exercera a chefia da farmácia do Hospital de Caridade, em Florianópolis, estudioso e com grande experiência das moléstias que grassavam no Vale do Itajaí, transformou-se, e pelas fôrças das circunstâncias, num "segundo médico" para os pobres que superlotavam a Farmácia Central. Se os pobres lotavam sua farmácia, gente vinda de todos os municípios do Vale, os proventos não davam para encher seus cofres. Porque o farmacêutico João Medeiros sempre foi um bom samaritano, e nunca perguntou se

o doente dispunha de recursos. Mesmo que não tivesse dinheiro, levava o remédio. E como era bom, deixava-se ludibriar com facilidade.

Nasceu em Laguna, aos 23 de maio do ano de 1869, filho de Elias José de Souza Medeiros e de dona Custódia de Oliveira. Aos doze anos perdeu o pai, começando então sua luta pela vida, como aprendiz de farmácia. Nas horas vagas estudava, sempre auxiliado por dona Custódia e suas irmãs mais velhas. Naquela época o aprendiz trabalhava dois anos sem ganhar nada. Quando muito, alimentação. João Medeiros, porém, tinha vocação. Gostava do trabalho. E persistiu.

Jovem ainda, aos dezessete anos, ingressa nas forças armadas. Aproveitado pela sua capacidade de comando, em pouco chega a alferes.

Em 1889 deixa o exército e volta a Laguna onde exerceu sua atividade como farmacêutico.

Algo o chamava ao Destêrro — a velha capital de Santa Catarina — para onde retorna, empregando-se na Farmácia Eliseu. Casa-se em 1891 com dona Adéla Cardoso, filha do velho professor Balduino Cardoso e de dona Júlia Córís, ramo espanhol da família. Mais dois anos de trabalho no Destêrro, transferindo-se para Laguna com a família, já enriquecida de uma menina, estabelecendo-se com pequena farmácia em sua terra. Fizeram-no Capitão da Guarda Nacional. Um ano depois nasce mais um filho, João, e a seguir vem a revolução de Floriano. Foi em setembro de 1893 que aconteceu a Revolta da Armada. O movimento, chefiado pelo Contra-Almirante Custódio José de Melo, que tinha ligação com a revolução rio-grandense do sul, de Silveira Martins, fêz sair do Rio uma Divisão Naval, a qual em setembro ocupou Destêrro.

Entendido nas lides militares, revolucionário, à instância de seus amigos, João Medeiros assume a direção das tropas revolucionárias, instruindo grupos de rebeldes. Isto até 6 de abril de 1894, quando caiu Aquidaban, torpedeado pela esquadra legalista, e o governo abandonou Destêrro, ocupada por Moreira Cezar, a 19 de abril, início de violentas perseguições e fuzilamentos.

Perseguido pelos legalistas, João Medeiros deixa Laguna. E naquela cidade sua espôsa, sua mãe e três filhinhos.

O mês de julho de 1895 encontra João Medeiros navegando num patacho de amigo seu, com destino ao Rio.

Na Capital Federal consegue colocação numa farmácia portuguesa, onde ficou três meses, após os quais o proprietário o encaminhou para a cidade de Itú, no Estado de São Paulo, onde se faziam necessários seus trabalhos. Naquela cidade paulista exerceu seu mister de farmacêutico nas fazendas do Ingá e da Floresta, e mais tarde como guarda livros no Colégio São Luiz, hoje localizado na Capital paulista. Dez anos viveu com a família, chegada a Itú em fins de 1895, iniciando-se também nas lides de imprensa, colaborando nos jornais da terra e de Campinas, lado a lado com o jornalista João Nardy Filho. Em 1905 regressa a Florianópolis. Nomeado professor público em Córrego Grande, sempre em contato com as classes desprotegidas da fortuna, acentua-se seu infatigável e ininterrupto trabalho de assistência à pobreza. O Hospital de Caridade, de Florianópolis, vai buscá-lo em Córrego Grande. E o faz farmacêutico chefe, ocupação que exerceu até o ano de 1921 quando prestou concurso para Agente Fiscal.

Com grande facilidade de redação, logo após sua chegada à Capital assumiu a direção do jornal "A Época" de propriedade da Cúria Metropolitana, defendendo com calor e inteligência, as boas causas, os interesses da cidade e da religião. Foi também um dos dirigentes do Cinema Círculo, estabelecimento que honrou o cinema mudo da época. Já naquele tempo era considerado o "médico dos pobres", atendendo em casa, gente do interior da ilha de Santa Catarina e do Continente, desertados da sorte que não tinham recursos para uma consulta médica. Por ocasião do surto de gripe espanhola, João Medeiros foi convocado pelo Governo Hercílio Luz, para prestar assistência ao povo, trabalhando ombro a ombro com os médicos da Capital. Sua zona era enorme. Seu trabalho, exaustivo. Porque era um "crente", substituiu não poucas vezes "colegas" de outras zonas. Atingido pela insidiosa moléstia, por pouco não pereceu. Restabelecido, continuou seu árduo trabalho, e se as estatísticas da época ainda existirem, verificar-se-á que foi o farmacêutico João Medeiros quem mais atendeu naquele período de epidemia.

Pessoas que privavam da amizade e intimidade de João Medeiros, admiravam-se do seu espírito despreendido e abnegado. Pelas quinze horas, deixando a farmácia do Hospital, e levando ao bolso o seu estojo de injeções, começava a romaria. Raríssima a rua por onde passasse que não existisse uma casa a entrar, a aplicar injeções, ora contra o impaludismo, endêmico, e tôdas as moléstias tropicais que grassavam na Capital. Ao chegar em casa, cansado das lides diárias, mais pobres à sua espera. Mas ainda encontrava tempo para suas atividades de jornalista, de vicentino, discípulo afeiçoado às obras de São Vicente de Paulo, e de Congregado Mariano. Quando os pobres doentes não lhe batiam à porta, eram tipógrafos da "A Época" que o faziam, pedindo matéria para o jornal. Medeiros tinha, e sempre teve uma letra admirável. Escrevia tudo à mão. Nunca o vimos metralhando o teclado de uma máquina.

Pelos idos de 1921, com uma turma de sessenta candidatos, prestou exames num concurso para Agente Fiscal do Imposto de Consumo. Foi aprovado em primeiro lugar. Depois de meses de espera conseguiu nomeação, interino, para a zona do município de São José. Mais tarde Palhoça, Jaraguá do Sul e Indaial viram João Medeiros em atividade, sempre mantendo aquele alto critério que foi o apanágio de toda a sua vida. Justo e bom, nunca perseguiu ninguém e, quando forçado pelas circunstâncias a lavrar um auto de infração, procurava a todo custo encontrar atenuantes para a falta. Deixou nome, e muito bom nome, em todos os municípios onde serviu o Governo. Mas nunca foi efetivado. E porque não baixava a cabeça às imposições da política, numa época em que as eleições eram feitas a bico de pena, e nem tinha a índole bajuladora, tão à gôsto dos poderosos, sempre foi preterido pelos médios, raça tão bem descrita por José Ingenieros.

Em 1925 resolveu abandonar o cargo, já disputadíssimo na época, pois verificou que, para obter a efetividade teria de modificar sua maneira de ser. Demitiu-se. E deixando a fiscalização, voltou à velha profissão.

Como farmacêutico, dirigindo a sempre lembrada Farmácia Central, João Medeiros foi o ídolo dos desprotegidos da sorte. Já dissemos

no princípio dêste trabalho, sua farmácia vivia repleta. Era gente de tôda parte. Principalmente a que não tinha dinheiro. Porque João Medeiros nunca negou o remédio. E com o remédio, muitas vêzes dinheiro para a dieta.

Como não poderia deixar de ser, não se alheiou a outras atividades. Vicentino, foi um exemplo para seus confrades. Sempre assíduo às reuniões, às visitas aos pobres, à organização das Festas de Natal, onde os esquecidos da fortuna recebem, como acontece ainda nos dias de hoje, roupas e gêneros alimentícios. Foi um dos fundadores da Congregação Mariana e congregado modelo.

Na política, embora sem os arroubos de idealismo mais próprios dos jovens sonhadores, João Medeiros teve papel de relêvo. Nunca soube o significado da palavra omissão. Sempre esteve presente quando Blumenau o chamou. E não poucas vêzes — quando era necessário — apareceu sem chamado algum, e com grande acompanhamento. Eleito vereador, sua atuação foi de molde a satisfazer. O município de Blumenau muito lhe deve.

Na imprensa, que nunca esqueceu, exerceu papel de relêvo. Colaborou, e intensamente, em todos os jornais, tanto de Blumenau como nos de Joinville, Itajaí, Jaraguá do Sul, Florianópolis e de outras cidades. Em Blumenau, folheando a velha coleção de “Cidade de Blumenau”, dos áureos tempos de Otaviano Ramos e José Ferreira da Silva, verificar-se-á as excelentes colaborações do farmacêutico João Medeiros. Em “A Notícia” e em “Jornal de Joinville”, de Joinville, em “Lume” e “A Nação”, quase que diàriamente podiam ser lidos os “TRÊS POR DIA”, notáveis quadrinhos, onde como dizia, “ridendo castigat mores”.

Trabalhou até o último dia de sua vida.

Foi no dia 16 de fevereiro de 1950, fazem agora onze anos. Pela manhã, já doente, levantou-se para atender uns quantos pobres que o esperavam na sala. Medicou-os. Os acessos de angina, porém, fizeram-no voltar ao leito. E pelas vinte e três horas e dez minutos, como um justo que sempre foi, porque a morte é um espêlho da vida, deixou mansamente esta terra, em demanda da pátria definitiva. Já é lugar comum dizer-se que morreu como um justo. Mas João Medeiros foi, efetivamente, um justo. Sua morte foi sentida por todos. Principalmente pelos pobres que nêle viam um pai. Seu enterramento, uma apoteose.

João Medeiros não nasceu em Blumenau.

Foi, porém, um grande Blumenauense.



**A ATUAL CIDADE DE TIJUCAS** começou a ser edificada em 1847, sob o traçado que lhe deu o capitão João de Souza Melo e Alvin, na foz do Rio Tijucas Grande, curso d'água que o mesmo engenheiro explorou em grande extensão.

★ **REVISTA SALESIANA** — Por nímia gentileza do Rev. Pe. Alfredo Bortolin, Visitador Salesiano, temos recebido vários números dessa interessante publicação, órgão de divulgação de magníficas realizações dos salesianos no Brasil. Muito agradecemos a S. Revma. essa gentileza.

# UM DOCUMENTO IGNORADO SÔBRE O COMÊÇO DE BLUMENAU

A revista "Südamerika", que se edita, em língua alemã, em Buenos Aires, deu acolhida, no número do 3.º trimestre do ano passado, a um relato do "Justizrat" Carlos Fernando Hering, datado de 1855, que contém interessantes dados sôbre a vida dos primeiros anos da Colônia Blumenau. Trazêmo-lo, traduzido, para êste número dos "Cadernos", como uma valiosa contribuição ao estudo do nosso passado.

Agradecemos ao revmo. frei Ernesto, digno diretor do Colégio Santo Antônio, a gentileza de ter pôsto à nossa disposição, o referido número do importante e conhecido periódico buenoairense:

No número 171, de 25 de julho de 1855, do "Weimarischen Zeitung", o "Justizrat" Carlos Fernando Hering, publicou a notícia abaixo. Diversas razões, provávelmente, o compeliram a tanto. Suas primeiras palavras derramam muita luz sôbre o significado da questão imigratória alemã: 116 casais e 259 pessoas do sexo masculino e 209 do feminino, solteiros, e mais 347 crianças, sômente no ano de 1854, deixaram os distritos do oeste do Granducado de Saxe-Weimar. As suas profissões, nem sempre estão declaradas, mas, entre êles havia 8 sapa-teiros, 5 alfaiates, 2 tecelões, 2 marceneiros, um comerciante, um encadernador, um ferreiro, um açougueiro que tinham desanimado de encontrar melhor futuro na velha pátria.

Naturalmente, os jornais publicavam, às vêzes, avisos, baseados em notícias de gente desiludida, circunstância que nunca falta. Contrariando tais deturpadas informações foi que o sr. Hering deu publicidade à sua exposição estampando-a, até, na folha officiosa "Weimarischen Zeitung". Hering era o presidente da justiça estadual e o simples fato de lhe ter o Granduque conferido o título de desembargador e, também, a 7 de junho de 1861, de lhe ter a Universidade de Jena adjudicado o título de doutor "honoris causa" é testemunho suficiente para demonstrar o grande respeito e estima que êle gozava na sua pátria.

Do seu segundo filho, que em 1854 emigrou para Blumenau, assim como, posteriormente, do próprio doutor Blumenau, êle recebera cartas cujos tópicos reproduz neste artigo. Tal correspondência tem, para nós, igualmente, grande valor porque é merecedora de todo crédito e confiança. Como seja, porém, difícil consultá-la no próprio jornal em que foi publicada originariamente, porque, com muita probabilidade, só exista nas bibliotecas de Weimar e Jena, transcrevemo-la para tirá-la do esquecimento.

O jovem Hering, naturalmente, não teve tempo de se dedicar ao estudo do idioma da terra e, por isso, quando êle menciona palavras portuguesas, o faz na forma ouvida dos seus compatriotas lá radicados. Assim, êle escreve "cana" por canoa, farinha por farinha, brassa por braça, momon por mamão.

Os que já ouviram falar os "alemães-brasileiros" não se admirarão disso, pois lembro-me como certa mãe, em Itoupava-Sêca, mandava à filha: "Liesel, fetsch de Portjäre, das die Vacke nicht tshiappt", que se entenderia, apenas, quando se soubesse que, com fetsch ela significava feche, com portjäre, porteira, com vacke, vaca e com tshiappt, escapa.

O artigo alcançou, naturalmente, com a publicação, o seu objetivo e tornou-se, hoje, um interessante documento histórico. DR. H. KOCH, Jena.

"A emigração tornou-se, certamente, uma necessidade. Já não existe mais, aqui, quase, nem mesmo uma simples nesga de terra de que alguém, já não esteja de posse. Em virtude dos novos métodos mecânicos, o trabalho que, até agora, vinha sendo feito pelo braço humano é realizado pela máquina, barateando o custo da produção. As antigas relações entre patrões e operários já

não são as mesmas. Cresce o desemprego e, daí, muitos homens dedicados, que trabalham com prazer para conquistar melhor situação, vêem-se, cada dia mais, em maiores dificuldades para achar emprego.

Em tal circunstância encontrava-se, também, o meu segundo filho, que, por vários anos, foi dono de um arrendamento, sempre cumpridor dos seus deveres e a contento do rendeiro, mas sem meios para aumentar esse arrendamento.

Em virtude da alta taxa de arrendamento, um arrendatário, por mais trabalhador e ativo que seja, irá à falência se não tiver à disposição outros meios de subsistir. Essas razões constrangeram-no a emigrar, a 5 de maio do ano passado, para a Colônia Blumenau, em Santa Catarina, Brasil, para lá estabelecer um lar mais seguro. Isso é alcançou. Muito longe das tramóias liberais-republicanas e também de quiméricas ilusões de que, na América, a fortuna e a felicidade lhe sorriam "de qualquer jeito", mas antes bem acostumado à idéia de que, todo o começo é áspero e difícil, como lhe demonstrou a experiência, foi que resolveu emigrar. Depois de oito semanas de viagem despreocupada, a bordo do navio "Linda" e ligeira demora em São Francisco, chegou êle a 12 de junho do ano passado em Blumenau, com a mulher e os filhos.

A Colônia Blumenau teve início no empreendimento de um saxão, o dr. Blumenau, que, em tal propósito, cruzou várias vezes o Brasil, e que naquela terra soberba procura abrir oportunidades de progredir a alemães trabalhadores e dedicados, que em sua pátria não conseguem situação de algum desafogo pelo menos.

Esse homem digno, dispendeu nisso bens e canseiras de toda sorte e vela e se esforça ainda, depois de sete anos da fundação de sua colônia, para mantê-la e ampliá-la.

Com farta experiência e conhecimentos o dr. Blumenau escolheu um distrito no centro de Santa Catarina, nas margens do Itajaí, que lhe foi cedido pelo governo, e em cujos terrenos montanhosos e regados por infinidade de rios e ribeirões os alemães encontram um clima suave e apropriado. O terreno que lá se compra, se já não fôr de segunda mão, anteriormente cultivado por outro colono, é coberto de pura mata virgem. A colônia está sob a proteção e a orientação do governo.

A aquisição de lotes de terras está tão bem organizada como aqui, entre nós. Os contratos de compra são autorizados pela diretoria e registrados nos respectivos livros; os lotes são medidos geometricamente. Desordem e especulações, como se sucedem no regimen de notariado na América do Norte, em Blumenau não acontecem.

Meu filho comprou lá 70 braças — quase outros tantos morgues. Pagou por elas 210\$000, ou 175 thalers, além de 11% dessa soma para a caixa da colônia e taxa do governo. Assim, em números inteiros, custou o morgue de terras 2 thaler e 21 groschen prussianos. Êle me escreve, textualmente, sobre isso, a 18 de agosto do ano passado:

"Se vocês quiserem fazer uma idéia do que seja a mata virgem, considerem a vegetação que cresce nas estufas do "Belvedere", na mais completa desordem, misturada, mas muito mais gigantescas, mais fortes, mais esguias; pensem numa temperatura de 20 graus, perfeitamente suportável numa cabana de palha, as mais lindas flores, frutos maduros e árvores em florescência, aliado tudo às belezas naturais da Suíça e terão vocês, então, uma pálida idéia do que é isto aqui. A minha propriedade fica no mais lindo e melhor lugar do Itajaí; já fiz derrubadas de mais de um morgue e levantei a armação da minha primeira casa. Em três ou quatro semanas, penso, poderemos ocupar a nossa própria morada. O nosso sistema de vida já é todo brasileiro: vivemos de feijão, batatas — que aqui são muito bonitas — e farinha, isto é, farinha de raízes de mandioca, que substitui o pão. Quem, aqui, quizesse comer somente pão à moda daí, em breve estaria mal alimentado. Uma vez que a gente se acostume com a farinha, esta se torna um artigo indispensável. Com ela, faz-se um pão que se coze na frigideira, ou, então, como é mais comum, faz-se, com ela, um mingau com água fervendo, que se chama pirão (ciron, no original). As bananas fornecem vários pratos e vêm à mesa, às vezes como muss, às vezes fritas. Elas substituem as maçãs e as ameixas. As laranjas são, um excelente fruto que não podem ser comparadas com as que vocês vêem aí. Há muito delas aqui, de sorte que uma fruta não custaria mais do que um pfenig, se a gente tivesse

que vendê-la ou comprá-la. O ganho aqui é bom. Um operário ganha, por dia, 500 a 1000 réis, fora a comida, ou seja, 12,5 até 25 *groschen* de prata. Vivemos aqui na mais rica, na mais linda e romântica terra que se possa imaginar. Se, na Europa, é uma arte achar o que comer, aqui seria arte ter que passar fome, tanto a natureza aqui produz sem o auxílio do braço humano. Basta apanhar."

O meu filho escreve-me mais em data de 12 de novembro do ano passado: "Estamos aqui muito bem. E nos adaptamos, facilmente, ao modo de vida daqui. Na pequena clareira que abrimos na mata, já fizemos uma reduzida colheita de batatas; verduras de tôdas as qualidades temos em abundância e doze laranjeiras, 12 bananeiras e uma boa quantidade de mamoeiros prometem-nos, para dentro de um ano, bastantes frutos. Também plantei doze pés de figos e doze de ameixas. Essas espécies começam a produzir, aqui, em 2 ou 3 anos. Tudo quanto eu semeei está muito bonito. Tanta fecundidade jamais nos desiludirá. Milho e feijão preto (um dos principais alimentos) temos também à disposição. E nem pode ser de outra maneira. O sub-solo é barro sôbre o qual há boa camada de humus. Semanalmente, senão cada dia, chove. Ajunte-se a isso o calor da terra. Não pode ser de outra forma: tem de crescer mesmo!

Agora comecei a derrubar a terceira roça, trabalho que tem de ser terminado ainda neste mês. Terei, então, livres de mato, 70 braças, ou 560 pés de frente e 40 braças, ou 320 pés de fundos. Isso, naturalmente, me custou muito trabalho. Fiz tudo sôzinho. As árvores fortes e duras, carregadas de cipós, exigem muitas machadadas para caírem. Por isso, orgulho-me e alegro-me ao olhar tudo isso e poder dizer que é trabalho meu e, se a bênção de Deus não me desamparar, acredito que, em breve estarei numa situação desafogada.

Nós moramos, como todos os brasileiros, no nosso lote, sôzinhos, longe dos nossos vizinhos. Até êstes, só poderemos chegar pelo rio, sôbre o qual navego na minha canoa, um tronco de pau escavado, e o faço com segurança. Usamos essa embarcação, também, como fazem os índios, como armadilha primitiva para apanhar caça. Essa armadilha já nos proporcionou belos e muitos assados de caça, boa caça. A caça de penas é abundante, como o perú silvestre (jacutinga?), a perdiz, a aracuã, etc. Peixe, o Itajaí fornece à vontade. Tigres também aparecem, mas longe daqui e muito raramente porque são muito perseguidos. O mais desagradável são as cobras, das quais já matei três; os mosquitos também incomodam. Esta terra, naturalmente, não está isenta de pragas. Mas tudo quanto é de desagradável estará superado pelo que é de bom, se o recém-chegado tiver boa vontade, disposto, a sentir-se bem aqui e não querer sempre comparar o Brasil com a superpopulosa Alemanha. Naturalmente, aqui falta muita coisa que lá há em abundância, mas também isso é devido, em grande parte, ao fato de que, no Brasil, não se sofrer essa carência, nem se sentir necessidade do que está faltando. Farinha de trigo e de centeio não há no Itajaí e, nas cidades, só se compra por alto preço. Nossa alimentação se compõe de batatas, feijão, farinha, verduras, peixe e carne, geralmente carne de caça e café. Com isso a gente se sente satisfeito e forte para o trabalho. Quanto ao que se refere às outras condições de vida, tem-se aqui a mais ampla liberdade. Cada qual pode crer no que quiser; não há impostos e o imperador Pedro subvenciona até os pastores e professores protestantes. Assim, vivemos sossegados na nossa choupana, sentimo-nos contentes com o que temos e alegramo-nos na nossa própria obra que se tornará cada dia maior.

As nossas crianças brincam ao redor de nós e sentem-se bem com isso. Minha mulher trata dos arranjos da casa; eu trabalho fora e, quando vem a noite, estamos cansados e dormimos até o amanhecer.

Eu desejei, muitas vêzes, tê-los aqui conosco, tomando parte na nossa alegria. As nossas belas frutas, os doces que com elas se fazem, as nossas lindas noites, as árvores magestosas, sôbre as quais centenas de outros vegetais florescem, como os belos cactus, a magnífica vista do rio, tão largo como o Elba, em Magdeburgo, tudo isso, certamente, os encheria de entusiasmo e de satisfação."

Eu havia dado a meu filho uma carta consignada ao dr. Blumenau em que eu lhe pedia o assistisse com o seu conselho e a sua experiência. Do Rio de Janeiro, para onde o dr. Blumenau viajara, no interêsse da sua colônia, sendo recebido em audiência pelo imperador, recebi, em 17 de maio, dêste ano, uma carta datada de 10 de abril, na qual êle me escreve:

“Para minha satisfação e conhecimento dos seus, comunico-lhes que o senhor, seu filho, por si mesmo se recomenda e a sua recomendação foi plenamente correspondida, o que nem sempre se dá com outros. Atividade, moderação e tudo mais quanto enfeita um bom caráter, são qualidades muito necessárias aqui no mato. E tudo isso o seu filho possui. Sua esposa é uma mulherzinha alegre, bondosa e ativa, que se adaptou logo, e satisfeita, à sua nova situação.”

Aqui continua o doutor dando interessantes informações sobre a sua colônia. Dêle e de outras informações seguras de meu filho, posso adiantar ainda: “Aquêlê que quiser emigrar para Blumenau, não deve ir completamente desprovido de meios e deve poder apresentar atestado seguro sobre o seu bom comportamento e o seu caráter. Trapaceiros e preguiçosos, não serão ali bem recebidos e, em breve, serão expulsos da comunidade. Artesãos de todos os ofícios e, principalmente, os que possam e queiram trabalhar com dedicação, terão uma situação segura e encontrarão oportunidade de ganhar um salário alto. Somente não deve êle esperar que, assim que chegue, possa logo exercer a sua profissão ali. Uma colônia como aquela, assenta suas bases na agricultura, no lucro do aproveitamento do solo. O recém-chegado deve logo é tratar de adquirir seu lote, construir a sua casa e tornar a terra cultivável, a fim de ficar definitivamente instalado e apto a procurar o seu sustento. Não lhe faltarão terras baratas e férteis que possa adquirir. Existem ainda milhões de acres da melhor terra devoluta. Logo que ali firmem pé, poderão o operário, o moleiro, o alfaiate, o sapateiro, o carpinteiro, o pedreiro, etc. então conseguir trabalho na profissão e ganhar bastante. A derrubada do mato, naturalmente, tem que ser feita a custo de muito suor. E, por acaso, entre nós não acontece o mesmo? Quanto deve se sacrificar o nosso lavrador no tempo da colheita; quanto êle pragueja vergado ao peso das tinhas de estreme que tem de carregar, morro acima, até os lugares das plantações e dos vinhais? E, que tem êle de tanto esforço senão o seu miserável pão e, às vezes, nem isso, como quando as enxurradas anulam todo o trabalho, levado a cabo com tanto sacrifício. Há muita gente ativa e trabalhadora, que perde a oportunidade de ganhar o seu pão cotidiano com um trabalho ordenado e persistente; o assalariado não tem estabilidade e é despachado quando bem apraz ao senhor da terra.

Depois, convém que o emigrante seja casado, para começar, desde logo, a organizar uma vida familiar digna. A vinda dos filhos, lá, se constitui em riqueza, enquanto aqui corre para o empobrecimento do casal. O colono, circunscrito ao círculo da sua família, acostuma-se ao mais simples, adotando costumes morigerados, de vez que lhe faltam as oportunidades para pensar em grandezas e comodidades. Jovens pares, que desejam fundar um lar e que, aqui, encontram tôda a sorte de dificuldades, devem fazer como meu filho: emigrar para Blumenau. A colônia tem a grande vantagem de ser constituída de alemães, de protestantes. Quanto mais ela se alarga, tanto maior é o número de gente boa que para lá vai e, assim, naturalmente, cresce o bem-estar de todos.

Como, naturalmente, os colonos estejam ainda ocupados em preparar os lotes que compraram, compreende-se que ainda não se tenha podido pensar na abertura de estradas e construção de pontes. Por isso há falta de caminhos carroçáveis e o rio Itajaí é, no momento, a única via de comunicação entre as várias propriedades. Mas isso é por enquanto, pois o imperador garantiu ao dr. Blumenau que seriam feitos caminhos e pontes por conta do governo. O colono, lá poderá ter certeza de que, pela dedicação ao trabalho, êle não só conquistará sua prosperidade, como melhorará tôdas as suas condições de vida. Do que não serão capazes a aplicação, a perseverança alemãs aliadas à honestidade do alemão?”

Eu dou à publicidade isso tudo, em parte para refutar o mau juízo que se tem feito sobre o Brasil, vindo de determinadas fontes (e do qual houve tempo, em que eu também compartilhei) e, depois, para mostrar a todos aqueles que queiram emigrar e assentar a sua prosperidade futura em bases sólidas, o lugar mais conveniente. Não me dirijo aos trapaceiros e nem aos republicanos alucinados. Ao público compreensivo e bem intencionado, não desagradará conhecer a verdade da boca de um homem honesto”.

# BOA RESPOSTA

A existência do advogado Max Mayr, no Vale do Itajaí, foi pontilhada de aventuras.

O seu gênio alegre e folgazão, a sua maneira boêmia de encarar as contingências da vida, a sua simpática loquacidade, valeram-lhe a fama de exímio contador de anedotas e de "casos".

Ele mesmo, entretanto, figurava como personagem central de muitas histórias engraçadas e de ditos jocosos, que andavam, e andam ainda, na boca do povo.

Como se sabe, êle tentara tudo na vida: foi ajudante de pedreiro, caixeiro, professor, comerciante, empregado público, advogado e sabe Deus! o que mais.

Batera, até, certa vez, às portas do convento franciscano para fazer-se irmão leigo.

Êste caso, êle mesmo m'o contou:

Alguns anos depois da sua chegada ao Brasil, a Blumenau, fôra êle contratado, pela comunidade escolar de uma linha colonial do interior, para reger a respectiva escola.

Os membros da diretoria da comunidade, que viviam de ôlho no professor, para ver se êle, de fato, ensinava bem as crianças, eram três comerciantes do lugar, aliás, os únicos três que ali havia.

Começaram êles a notar que os meninos, que frequentavam as aulas do professor Max aproveitavam, realmente, as lições recebidas. Sabiam muito bem ler e escrever; redigiam, até, pequenos trechos em alemão e português; conheciam um pouco da gramática das duas línguas; sabiam onde ficavam, no mapa - mundi, Berlim e Blumenau e, também, quem fôra Bismark e Lauro Muller.

Mas, de números, quase nada. Mal sabiam somar e diminuir e, assim mesmo, a pau e corda.

Os ilustres diretores da comunidade, depois de terem passado uma boa parte da noite na mesa do "skat", bebendo cerveja e discutindo o assunto do mestre-escola, resolveram interpelá-lo.

Max compareceu à reunião marcada para o dia seguinte.

O mais desembaraçado dos três, um colono que usava óculos e uma pêra de fios ruivos, tomou a palavra:

— Pois é, professor, nós o convocamos porque temos observado que as nossas crianças não aprendem a fazer contas. Estão cada dia mais atrasadas na ciência dos números. O senhor poderia dizer-nos porque é que, aprendendo tão bem tudo o mais, ler, escrever, história, gramática, geografia, os seus alunos não sabem nada de aritmética?

— Sei, sim, senhores...

— E, porque, então?

— É porque eu zelo pelo bom nome do comércio dêste lugar e pela reputação dos três ilustres negociantes que compõem a nobre classe, nestes êrmos. Eu tenho visto, tôda vêz que me encontro em alguma das três vendas que aqui existem, que sempre que chega um colono para vender-lhes queijo ou manteiga, muss ou feijão, milho ou outrós

produtos da sua lavoura, os honrados donos dos negócios se enganam no resultado da multiplicação do preço pelo peso, de sorte que o colono sempre sái roubado nalgumas dezenas de mil réis. Imaginem os senhores o que aconteceria se eu ensinasse bem aos meus alunos, que serão colonos amanhã, a fazer conta e a descobrir, assim, à ponta de lapis, as falcatuas dos vendeiros. . .

Os respeitáveis senhores diretores encerraram a sessão com um voto de louvor, lavrado em ata sucinta, pelos esforços do professor Max e pelo magnífico aproveitamento dos seus alunos.

JFS.



**A** 25 DE ABRIL, próximo, transcorrerá o centenário da criação da freguezia e paróquia de Gaspar, dia que bem poderia, também, ser festejado como o da fundação do próprio município, já que data, pròpriamente, de 1861 o comêço da sua vida administrativa e do povoamento dos terrenos da atual cidade, sede da futura parcela de Santa Catarina.

Frei Ernesto publica, nêste número, um interessante e documentado histórico da paróquia de Gaspar, para o qual chamamos a atenção dos leitores. Nesse dia, mais um dos filhos de Gaspar será elevado à dignidade episcopal.

Associando-nos ao júbilo dos gasparenses, pelo transcurso da data, almejamos à paróquia e ao município de Gaspar, na pessoa de seus dirigentes, continua prosperidade e crescente bem-estar aos seus habitantes.



**M**ANOEL DOS SANTOS LOSTADA, que foi promotor público de Blumenau e teve papel saliente nos acontecimentos que convulsionaram Blumenau durante a revolução de 1893, era, em 1914, da Comissão de Redação da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.



ESCREVE:

CHRIST. DEEKE

**Aconteceu...**

DEZEMBRO DE 1960

1.º — Sôbre o projetado novo Regulamento do Trânsito na Rua 15 de Novembro, aparecem considerações e sugestões na Imprensa local, como: proibições de estacionamento de veiculos, retirada de carrinhos de pipoca, picolé etc. da movimentada artéria principal da cidade, multa para ciclistas indisciplinados etc. quan-

do, então se publica que a respectiva comissão, encarregada do estudo do problema angustioso, reunir-se-á sômente em princípios de janeiro vindouro. Ocorrem vários acidentes de trânsito durante o mês: um menor, procedendo o descarregamento de um veículo em frente à Estação Rodoviária, é imprensado entre êste e uma camionete, sendo de pouca gravidade os ferimentos recebidos; — um

choque de caminhões de carga, em Salto Weissbach, resulta em elevado prejuízo material. O guarda-noturno, Mauro Bittencourt, morre, atropelado por um caminhão, em alta velocidade, na esquina das ruas 15 de Novembro e Itajaí. Em Gaspar, onde duas semanas antes ocorrera grave acidente, ao chocar-se um caminhão violentamente com outros, parados, ferindo, no passeio, quatro pessoas e derrubando, parcialmente, uma casa, a parede fronteira da casa vizinha foi danificada, agora, por uma limousine de Florianópolis.

— Falece o sr. Alberto Lobe, representante comercial, vastamente relacionado na sociedade local, filho do professor Fr. Lobe, renomado pintor acadêmico alemão, falecido, há tempos, em nossa cidade, onde a família se estabelecera, há várias décadas.

2 — Com o extermínio das tentativas de implantação do “jogo do bicho” em Blumenau, graças à intervenção decisiva das autoridades policiais, reclama a imprensa agora ação idêntica contra as “boites”, aumentando de veemência, quando se sabe que novo estabelecimento do gênero foi aberto, sob o nome “Boite Elite”.

4 — É publicado o decreto da Prefeitura Municipal, estabelecendo o horário pré-natalino do comércio local, de acordo com a Associação dos Lojistas do Comércio de Blumenau: dia 17, sábado, 8/18 hs.; dia 18, domingo, 8/12 hs.; dias 19-23, 7,30/20 hs.; dia 24, 7/12 hs..

— Em defesa do comércio estabelecido, reclama o jornal “A Nação” medidas das autoridades competentes, contra os mascates que, em número sempre crescente, percorrem a região, estabelecendo-se, também, com pontos de venda nas ruas e logradouros públicos.

5 — Falece a Sra. Argentina Beirão, esposa do Sr. Mourival Beirão, agente da estação local dos Correios e Telégrafos, sendo realizado o sepultamento no Cemitério de Itajaí, onde o Prefeito local doou à extinta, que fora sua primeira professora, o terreno para o jazigo perpétuo, tendo o “Clube Náutico Marcílio Dias”, de-

cretado luto oficial em homenagem à falecida, associada antiga desta agremiação de esporte.

4/6 — No jornal “A Nação” aparecem referências ao movimento pró-recuperação e instalação do velho vapor “Blumenau”, 7/30 — lamentando entre outros o articulista “Salsima” a falta de empenho da parte do povo e autoridades locais, na preservação dos seus patrimônios tradicionais. Na edição do dia 6 é feita a transcrição do capítulo “Meios de Comunicação” (de autoria de Frei Ernesto Emmendoerfer O.F.M., em colaboração com os srs. Carl Wahle e Eduardo Neitzel) do livro do Centenário de Blumenau, o trecho que se refere à velha embarcação, refletindo-se no relato o estilo de vida da região, nas primeiras décadas do século.

13 — Aparece a notícia no jornal “A Nação”, que a revista “Bancos”, órgão de divulgação oficial, que, no 1.º Congresso Nacional de Bancos, realizado recentemente na Capital da República, foi o sr. Genésio Miranda Lins proclamado “Banqueiro do Ano”, gesto que, conforme o órgão da imprensa local, reflete o alto conceito do homenageado entre a sua classe, como do Banco INCO, por ele presidido, estabelecimento de crédito incluído, assim, entre os mais sólidos Bancos do país.

13 — Tendo sofrido sérios danos a “Ponte Lauro Mueller” (do Salto), ocasionados pela passagem de um caminhão com carga de peso excessivo, publica-se a substituição imediata de uma viga de ferro (serviço executado pela oficina Grahl), tendo sido o trânsito desviado, nos pontos estratégicos, para estradas que conduzem a outras pontes sobre o Itajaí-Açú, principalmente a “Ponte Irineu Bornhausen”, em Itoupava Séca. Durante o mês surgem notícias sobre o estado de pouca segurança da ponte metálica da Estrada de Ferro, sobre o Itajaí-Açú, no centro da cidade, com partes seriamente prejudicadas pela ação da ferrugem, ocorrendo outra irregularidade na parte para pedestres, onde tábuas do piso foram retiradas, em espaços iguais, possivelmente para impedir a passagem de ciclistas montados,

os quais, entretanto, continuam transgredindo a respectiva proibição, representando a medida apenas sério perigo para transeuntes a pé.

18 — A sociedade Dramático-Musical “Carlos Gomes” apresenta o seu Concerto de Natal, músico-vocal da Orquestra Sinfônica e côros orfeônicos, adulto e juvenil, acompanhando alguns bailados os respectivos argumentos musicais. Composições de Bach, Imetana, Mendelsohn-Bartholdy, Leoncavallo e Mozart foram executadas com a conhecida maestria, constando do programa solos da Sra. Rita Schwabe, dos quais diz o Sr. Sebastião Cruz, no seu comentário sobre este Concerto: “magnífica interpretação com sua extraordinária voz”. Outra solista, a jovem Noris Lemke, recebe da pena do conceituado crítico, o seguinte comentário: “Uma revelação, o que aliás é próprio da família Lemke, musical por excelência — filha do violonista da orquestra (também mestre da Tesoura) Erwino Lemke, e irmã de Waldemiro Lemke, o famoso “Stravinski”, como é conhecido nos meios radiofônicos do Rio e São Paulo”. Diz, referente ao maestro e compositor Heinz Geyer: ofereceu mais um dos seus estupendos ciclos “Pax Vobiscum” com Orquestra e Côro Juvenil (ampliado), explorando o motivo natalino — popular e sacrossanto, do famoso “Noite Feliz”.

23 — A 0 hora d'este dia entram em greve os empregados da Estrada de Ferro Sta. Catarina, visando a efetivação da integração daquela ferrovia ao domínio da União, prometida após a greve de abril de 1956, dos mesmos funcionários, ato que, conforme a Lei, deveria ter sido efetuado no espaço de 120 dias, o que, entretanto, até hoje não aconteceu, como a equiparação aos demais ferroviários da União.

Ao terminar o ano, nenhuma solução havia sido dada ao caso, e a greve que tanto prejudica a economia da região, continua.

22 — Na sede do Grêmio Esportivo Olímpico oferecem os funcionários da Cia. de Cigarros Souza Cruz, comparecendo todos os

membros da administração, funcionários e inspetores agrícolas vinculados à filial de Blumenau, o gerente da filial de Brusque, etc., — uma churrascada de despedida ao gerente geral da organização, sr. John Hilton, em exercício desde novembro de 1951, que ora se afasta por motivo de promoção ao cargo de diretor do Departamento do Fumo na matriz do Rio de Janeiro. Enaltece o orador, sr. Maximiliano Dallarosa, encarregado do Departamento Pessoal do estabelecimento local, a figura do homenageado e as admiráveis realizações de seu trabalho produtivo, tendo “Mister Hilton” agradecido as homenagens e colaboração recebida por parte dos funcionários, recomendando aos mesmos o seu sucessor, sr. Oscar Coutinho, dando expressão, ainda, aos sentimentos que o prendem a esta terra, onde, como disse, ele e a esposa passaram os melhores anos de vida.

Desde meados do mês realizam-se festividades de formatura encerramento de cursos, como: ginásial, normal, contadoria, bailado (Conservatório Curt Hering), Corte e Costura e outros, mencionando a imprensa a colação de grau de diversos blumenauenses nas faculdades de outras cidades: Medicina — Sr. Nelson Margarida; Direito — Sr. Vitor Fernando Sasse e do brusquense Helmut Ortman, casado com a filha do sr. Jefferson Matos, da sociedade local.

24-31 — Os festejos de Natal e Ano Bom transcorrem dentro das normas tradicionais, com as vitrines das casas comerciais enfeitadas com motivos natalinos, as cerimônias religiosas, reuniões familiares e festas e bailes nos clubes e sedes das sociedades. A temperatura é sujeita a bruscas alterações — calor e mormaço nos dias 24 e 25, quando, à tarde d'este último dia, ocorrem chuvas regionais, com fortes trovoadas, amanhecendo o dia 26 (feriado em Blumenau, Brusque e demais centros do Vale do Itajaí, com costumes remanescentes da colonização alemã) com temperatura bastante refrescada, fenômeno que se repete nos dias da passagem 1960-61.

# COMPANHIA COMERCIAL SCHRADER

## BLUMENAU

Rua 15 de Novembro, 117  
Caixa Postal, 4 — Telefones 1673 e 1612 — End. Tel.: "IMPEX"

CASA FUNDADA EM 1859

Depósito e Oficina Mecânica especializada à Rua Itajaí, 260  
Telefone : 1043

— : o : —

Concessionários exclusivos para o Estado de Santa Catarina da :  
**MOBIL OIL DO BRASIL** (Indústria e Comércio) Ltda.

São Paulo

Óleos lubrificantes da mais alta qualidade da marca MOBIL OIL para veículos automotrices e dos produtos industriais MOBIL.

— : o : —

Concessionários autorizados para o Vale do Itajaí (Blumenau, Brusque, Itajaí, Indaial, Timbó, Rodeio, Ibirama) da :  
**MERCEDES-BENZ DO BRASIL S.A.**

São Paulo

Chassis para caminhões e ônibus, assim como, motores a óleo Diesel da afamada marca "MERCEDES-BENZ". Peças sobressalentes genuínas.

— : o : —

Revendedores em grande escala de :  
**CIA. BRASILEIRA DE ARTEFATOS DE BORRACHA**

Rio de Janeiro

Fabricantes dos conhecidos pneus e câmaras de ar marca "BRASIL" para caminhões e automóveis.

— : o : —

Representantes para todo o Estado de Santa Catarina da :  
**S.A. FÁBRICAS "ORION"**

São Paulo

A maior organização brasileira na indústria de borracha e artefatos de borracha.

— : o : —

**METALÚRGICA "SIRIUS"**

São Paulo

Fábrica de lustres de todos os tipos, de estilo moderno (funcional), de cristal (Bohémia) e de alabastro.

**CIA. HEMMER INDÚSTRIA  
E COMÉRCIO**

**Fábrica de Conservas,  
Mostarda e Vinagre**

**FABRICAS EM BADENFURT  
E PENHA**

**COMÉRCIO POR GROSSO:**

**RUA SÃO PAULO, 2471 — FONE: 1385 — CAIXA POSTAL, 169  
BLUMENAU  
SANTA CATARINA**